

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CONGRESSO NACIONAL ESPANHOL DE ARQUEOLOGIA, 3.º. A EVOLUÇÃO PALEOGRÁFICA DO NOROESTE PORTUGUÊS.

TEIXEIRA, Carlos

Ano: 1953 | Número: 63

---

### Como citar este documento:

TEIXEIRA, Carlos, Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia, 3.º. A evolução paleográfica do Noroeste Português. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 698-707.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

*gráfica do Noroeste português*», que será oportunamente publicado nas Actas do Congresso, e que o autor consentiu igualmente se publicasse neste Relatório da Revista da Sociedade Martins Sarmento, pelo que a seguir o transcrevemos :

## A evolução paleogeográfica do Noroeste português

---

A evolução paleogeográfica do Noroeste português durante os tempos plistocénicos pode dizer-se razoavelmente conhecida nas suas linhas gerais. Faltam, por certo, muitos elementos de pormenor e subsistem dúvidas; contudo, o quadro geográfico em que se sucederam os mais antigos povoamentos humanos da região pode ser reconstituído a partir dos elementos geológicos e morfológicos conservados *in loco* e de cujo estudo se têm ocupado autores diversos (Pereira Cabral, Serpa Pinto, Lautensach, Zbyszewski, C. Teixeira, etc).

Os níveis e depósitos de terraços dos vales dos rios, os níveis e depósitos de praias antigas das regiões litorais, com os quais aqueles se continuam lateralmente, permitem reconstituir as posições diferentes da linha de costa no decurso do Quaternário.

Em todo o litoral português observa-se um nível de praia de 5 a 8<sup>m</sup> de cota, acima do mar actual. Os depósitos destas praias compreendem em alguns pontos, como na Ínsua de Caminha e em Âncora, além de conchas de moluscos (*Lithorina*, *Nassa*, *Patella*, *Purpura*, etc.), indústrias paleolíticas acheulenses e languedocenses.

Deste nível de praia, — Grimaldiano II —, cujas cascalheiras repousam, por vezes, sobre uma camada espessa de «limon» amarelo, passa-se por um pequeno degrau para segundo nível, de cota entre 12 e 20<sup>m</sup>, ou seja o Grimaldiano I.

Por novo degrau, quase sempre bem marcado, atinge-se terceiro nível de praia, com seus depósitos



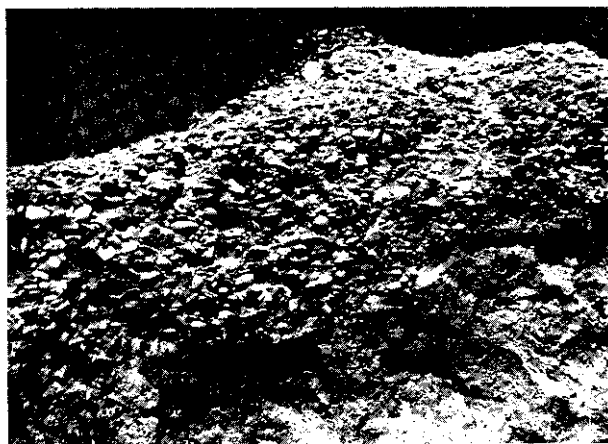
*Depósitos da praia de 5-8<sup>m</sup>, na Ínsua de Caminha*



*Depósitos da praia tirreniana, na região de Apúlia*



*O Rio Minho em Melgaço. No centro o terraço de Prado, cuja superfície está 90-100<sup>m</sup> acima do leito do rio na estiagem*



*Cascalheira do terraço de Prado, assente sobre granito alterado*

correlativos, de cota entre 30 e 40<sup>m</sup>, que tem sido paralelizado com o Tirreniano.

Entre Cávado e Minho encontram-se, superiormente a estes, dois outros níveis, um de cota à roda de 50<sup>m</sup> outro de 60-65<sup>m</sup>, que correspondem, sem dúvida, ao Millaziano. A arriba fóssil que limita do lado interior estes últimos níveis, o segundo dos quais muito mal representado, imprime à região litoral do noroeste português um dos seus aspectos mais dignos de nota.

A sul do Cávado, além dos níveis de praia antes referidos, existe um nível de 80-100<sup>m</sup> muito extenso e generalizado, com depósitos espessos.

Representa, segundo se crê, o Siciliano.

Acima deste, existem ainda outros depósitos de praias antigas, mas referíveis, certamente, ao Pliocénico superior. É notável o conjunto que se observa na região do Porto, onde o mais alto nível de praia se encontra a 150-160<sup>m</sup> de cota e muito para o interior da linha de costa actual.

Os diferentes níveis de praias antigas ligam-se, lateralmente, com os terraços fluviais. Estes são particularmente desenvolvidos ao longo do Vale do Rio Minho.

Junto da foz, na região de Caminha e Cerveira, apenas se registam os níveis de terraço de 5-8<sup>m</sup>, 12-20<sup>m</sup>, 30-40<sup>m</sup> e 45-55<sup>m</sup>, mas, mais para o interior, encontram-se, além destes, níveis mais altos: 60-70, 75-80 e 90-100<sup>m</sup> acima do leito do rio na estiagem.

No vale do Rio Lima conservam-se, também, diferentes depósitos de terraço, pertencentes, sobretudo, aos níveis baixos: 5-8<sup>m</sup>, 12-20 e 30-40<sup>m</sup>.

No vale do Cávado, estão representados os mesmos níveis de terraços do Minho.

No Douro são principalmente os terraços de cotas elevadas os mais desenvolvidos. O mais alto atinge 150-160<sup>m</sup> de cota.

A ligação dos terraços fluviais com os níveis de praias antigas do litoral é, quase sempre, nítida e clara, o que constitui um elemento importante para o estabelecimento da cronologia.

Posteriormente à formação dos depósitos do nível de 5-8<sup>m</sup>, deu-se um movimento regressivo do mar e a linha de costa deve ter estado, em certo momento, muito para ocidente da actual. Tal regressão coincidiu com a glaciação de Würm e aparece bem marcada no escavamento profundo do leito da parte terminal dos rios. Sondagens recentes revelaram, por exemplo, que o fundo rochoso do leito do Douro nas proximidades da Foz se encontra a mais de 60<sup>m</sup> abaixo do nível actual do mar.

Idêntico fenómeno se verifica no Rio Minho, cuja foz devia situar-se, nesta altura, entre Moledo e a Ínsua de Caminha.

Pouco depois teve início nova transgressão — a transgressão Flandriana — que trouxe o nível do mar até a posição actual.

Em certo momento do Quaternário o rio Cávado entrava no mar por duas largas aberturas, uma na direcção de Necessidades-Apúlia, outra na direcção de Esposende.

Estas comunicações estão bem marcadas por depósitos de estuário e por outros elementos.

O escavamento do vale actual, facilitado possivelmente por fracturas, deve ter-se realizado durante a regressão rissiana. O vale actual deve ter sido em parte contemporâneo das duas largas aberturas acima citadas.

Do ponto de vista climático, os rigores do período glaciário de Würm devem ter-se feito sentir intensamente no Noroeste português. A existência de fenómenos glaciários wurmianos na Serra do Gerês, contemporâneos dos da Estrela, embora não demonstrada, é extremamente plausível.

Períodos frios devem ter alternado com períodos de clima mais benévolo, semelhante ao actual, no decurso do Quaternário. Estudos polínicos realizados sobre materiais dos terraços do Minho, indicaram a presença de plantas como *Pinus sylvestris*, cuja expansão na região referida deve ter coincidido com condições climáticas muito mais rigorosas que as actuais. A cobertura florestal das serras era diferente da de hoje, como o mostra, também, a análise polínica.

\*

Os achados arqueológicos deixam ver quão antiga é a ocupação humana do Noroeste português.

Às inúmeras estações de superfície juntam-se algumas jazidas *in situ*, como as de Âncora e da Insua de Caminha.

A ocupação humana estendeu-se às regiões do interior, registando-se os achados de indústrias líticas sobretudo ao longo dos vales dos rios.

O homem assistiu, assim, a muitas das transformações que o Noroeste português sofreu no decorrer dos tempos quaternários e foi, sem dúvida, influenciado por elas.

---

Antes de encerrada a Sessão, pediu ainda a palavra o Sr. Manuel de Sousa Oliveira, Director do Museu de Viana do Castelo, que fez algumas considerações sobre o decorrer dos trabalhos, congratulando-se com os resultados desta troca de relações culturais e científicas entre o nosso país e a Espanha, e fazendo elogiosas referências à acção da Sociedade Martins Sarmento.

Em seguida o Presidente da Mesa, Sr. Professor Dr. Joaquim Fontes, deu por concluídos os trabalhos desta Sessão, tendo palavras do maior louvor e elogio para os cientistas espanhóis, recordando o tempo em que tivera a honra de trabalhar com o saudoso e insigne Prof. Obermaier e com outros professores que, pelos seus notáveis estudos deram à Cultura peninsular o brilho e o avanço que ela hoje ostenta, e que os cientistas actuais do país vizinho com tamanho prestígio sabem manter bem alto.

Estava chegada a hora da refeição, pelo que os congressistas se dirigiram ao Restaurante Jordão, onde Câmara Municipal de Guimarães lhes ofereceu um almoço. À cabeceira da mesa presidiu o Sr. Presidente da Câmara, que tinha sentados à sua direita

os Snrs. Almirante Francisco Bastarreche, Presidente do Congresso, Raymond Lantier, Presidente do Instituto de França, Martin Almagro, Prof. da Universidade de Barcelona, Daniel Wood, Professor do Manhattanville College, de New-York, e Dr. Russell Cortez; e à sua esquerda o Prof. Dr. Joaquim Fontes, presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Luís Pericot, Prof. da Universidade de Barcelona, António Santos da Cunha, presidente da Câmara Municipal de Braga, António Beltran Martinez, Prof. da Univ. de Saragoça e Secretário Geral do Congresso, e Mário Cardozo, Presidente



*Almoço oferecido aos Congressistas pela Câmara Municipal de Guimarães*

da Sociedade Martins Sarmento. Os restantes Congressistas ocuparam os outros lugares, confraternizando com os portugueses que os acompanhavam, com os que se lhe juntaram em Guimarães e ainda com diversas entidades locais convidadas para o almoço, como os Vereadores Dr. Carlos Saraiva, dos Serviços Culturais da C. M., José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da Legião Portuguesa, José Francisco Rosas Guimarães, António de Azevedo, Escultor e Director da Escola Industrial, Alfredo Guimarães, Director do Museu Regional de Alberto Sampaio, Alberto Vieira Braga, Director da «Revista de Gui-



marães », José Luís de Pina, ex-prof. do Liceu de Guimarães, e D. Maria Vaz Pereira, Directora da Exposição de Arte Sacra, instalada no Claustro do Mosteiro de S. Francisco. Aos brindes, o Sr. Dr. Augusto Cunha, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, saudou em breves palavras os congressistas. Agradecendo, pelos visitantes, o Sr. Almirante Bastarreche teve palavras da mais expressiva homenagem para Portugal e para os cientistas portugueses, exaltando muito em especial a acção cultural desenvolvida pela Sociedade Martins Sarmento, expressões que o Sr. Coronel Mário Cardozo agradeceu.

Findo o almoço dirigiram-se os Congressistas para os claustros da Igreja de S. Francisco, onde tiveram ocasião de admirar as magnificas peças da Exposição de Arte Sacra, ali instalada por iniciativa da Fundação da Casa de Bragança. Seguiu-se um breve passeio na cidade, que permitiu aos excursionistas apreciarem alguns dos aspectos monumentais e artísticos da nossa terra, como o magestoso Castelo e Paço dos Duques de Bragança, e também algumas das ruas mais típicas. Após uma volta ao recinto onde se encontrava instalada a Exposição Industrial e Agrícola, no Campo do Salvador, seguiram as camionetas com os congressistas a caminho da Citânia de Briteiros, chegando ali pelas 16,30 horas.

Na Citânia eram os congressistas esperados por um típico rancho regional de raparigas camponesas, com seus coloridos trajes, característicos das lavradeiras minhotas, acompanhadas por um numeroso grupo de tocadores constituindo uma alegre *festada* com suas violas, harmónios, cavaquinhos, ferrinhos, tambores, etc., recepção inesperada para os congressistas, que ficaram encantados com a gentileza das lavradeiras que lhes lançavam flores e ofereciam ramos de cravos e alfáfega às Senhoras. Em breve tempo muitas das meninas espanholas que faziam parte da excursão dançavam com as nossas lavradeiras e rapazes do campo, dando à improvisada festa folclórica uma nota de comunicativa alegria, enquanto os congressistas se espalhavam pelas extensas ruínas da Citânia, tudo admirando e observando com o cuidado e interesse de especialistas

da Arqueologia. Na casa do guarda das ruínas foram pela Sociedade oferecidos refrescos aos visitantes, gentileza bastante apreciada naquele momento, devido ao grande calor que fazia.

Eram cerca de 19 horas quando os congressistas retiraram para Braga, seguindo pela estrada que da Citânia conduz ao Bom-Jesus do Monte, por Pedralva e Espinho.

Desta visita a Guimarães levaram os nossos ilustres visitantes as mais gratas recordações, que muitos deles manifestaram ainda posteriormente, em



*Os Congressistas na Citânia de Briteiros*

atenciosas cartas de agradecimento enviadas ao Presidente da Sociedade Martins Sarmento, como do Prof. Maluquer de Motes, da Universidade de Salamanca, da Dr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Oliveros Rives, do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, do Sr. Professor Fernand Benoit, de Marselha, Director Regional de Antiguidades da Provença e Córsega, do Sr. Sebastián Jiménez Sánchez, Comissário Provincial de Escav. Arq. de Las Palmas (Canárias), de Mil.<sup>c</sup> Miriam Astruc, estudiosa francesa diplomada pela Escola do Louvre e membro da Escola de Altos Estudos Hispânicos, do Prof. Joaquim Fontes, do

Tenente Coronel Afonso do Paço, etc. Foi assim realizada mais uma bela jornada científica que a Sociedade Martins Sarmiento inscreveu nos seus anais.

---

Relação alfabética dos Congressistas do III Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia, que visitaram Guimarães e a Citânia de Briteiros em 24 de Julho de 1953

---

### Espanhóis

- Alejandro Ramos Folques — *Director do Museu e Comissário de Escavações de Elche.*
- Alfredo García Alén — *Secretário do Museu de Pontevedra e Comissário Local de Escavações.*
- Antonio Beltrán Martínez — *Catedrático da Universidade de Saragoça.*
- Antonio Nieto — *Adjunto da Universidade de Saragoça.*
- Antonio Fraguas Fraguas — *Catedrático de Geografia e História do Instituto de Lugo.*
- Antonio Molinero Perez — *Comissário de Escavações de Segóvia.*
- Augusto Fernandez Avilés — *Chefe de Secção do Museu Arqueológico Nacional.*
- Basilio Ortuño Serrano
- Bernardino de La Granja (Fr.)
- Deogracias Estavillo
- Eduardo del Val Caturla — *Licenciado em Letras*
- Elias Serra Rafols — *Catedrático da Universidade de La Laguna.*
- Emetério Cuadrado Díaz — *Comissário de Escavações de Vitória.*
- Enrique Lizabe
- Francisco Bastarreche — *Conselheiro do Reino.*
- Francisco Esmoris — *Médico.*
- Francisco Jordá Cerdá — *Director do Serviço de Investigações Arqueológicas de Oviedo.*
- Guillermo Fatás — *Prof. da Universidade de Saragoça.*
- Jesus Cánovas
- José Filgueira Valverde — *Catedrático. Director do Museu de Pontevedra e Comissário Provincial de Escavações.*
- José Galliano
- José Mañá de Angulo — *Director do Museu de Ibiza.*
- José Maria Blazquez Martínez — *Licenciado em Letras.*
- José Raimon y Fernandez Oxea — *Inspector de Ensino Primario.*
- Juan Antonio Zamorano Martinez
- Juan de Vera
- Juan Maluquer de Motes — *Catedrático da Universidade de Salamanca.*